

Para além das ortodoxias: a dialética micro/macro na sociologia da educação.

Zaia Brandão PUC-Rio

... uma vez alcançada uma visão mais clara dos aspectos da vida social que se destacam com mais nitidez do fluxo histórico quando contemplados do alto e numa longa extensão, convém retornar à outra perspectiva, a que se tem dentro do fluxo. Cada uma dessas perspectivas, se isolada da outra, apresenta riscos específicos. Ambas – a visão aérea e a do nadador – mostram o quadro com certa simplificação. Ambas nos inclinam a depositar uma ênfase unilateral. (Norbet Elias: 1937)

Uma velha polémica atravessa a pesquisa em sociologia da educação com a divergência sobre qual a perspectiva mais compatível com o estudo dos processos educacionais: a das relações face a face entre os indivíduos empreendidas pelas análises micro-sociais, ou a das relações entre as estruturas mais gerais da vida social e as trocas e situações mais específicas tal como se procura alcançar com o recurso às análises macro-sociais. Como problema de fundo está a questão se a ordem social se impõe enquanto uma matriz que estrutura os valores e comportamentos, ou se ela é permanentemente reconstruída pela negociação entre os indivíduos envolvidos nas ações ou trocas sociais. Subjacente a este problema está o princípio do determinismo ou da autonomia da ação social.

Nesse ensaio, tentarei traçar um panorama da constituição das tradições e escolas que fundamentam estas perspectivas concorrentes na interpretação dos fenómenos sociais com o objetivo de defender a necessidade de superar os antagonismos teórico-metodológicos entre as abordagens micro e macro-sociológicas, no campo pesquisa em sociologia da educação.

1. Indivíduo e Sociedade, a tensão básica na sociologia.

Em 1937 Norbert Elias escreveu um brilhante ensaio discorrendo sobre o equívoco das perspectivas unilaterais na compreensão do fluxo do mundo social. Segundo ele o problema maior estava na ausência de modelos conceituais que permitissem *compreender de que modo um grande número de indivíduos compõe entre si algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados* (o princípio durkheimiano), ou seja como se estabelecem os vínculos entre indivíduos e sociedade. A teoria da *Gestalt* já nos oferecera um forte argumento a respeito de como o todo incorpora princípios, que não podem ser delineados pelo exame das partes isoladamente. Da mesma forma que a melodia representa uma estrutura que vai além da soma das notas individuais - que há uma relação, ao mesmo tempo que um abismo entre os sons e as palavras - as relações entre o todo e a parte no mundo social representam um permanente desafio à inteligência pois, frequentemente, a mudança de um plano ao outro não é meramente uma mudança de grandeza ou de um ponto de vista mas, de substância ou qualidade. Um conjunto de jovens em uma sala de aula

(turma) constitui uma realidade social diferente de um grupo de jovens em um coral, ou num clube.

A ordem invisível dessa forma de vida comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções ou modos de comportamento possíveis. Por nascimento ele está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida; deve-se conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele (...) Até sua liberdade de escolha entre as funções preexistentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de seus pais e, em consonância com isso, da escolarização que recebe. (Elias:1937,21)

Essa questão da interdependência das pessoas na teia social é longamente tratada por Elias, como uma cadeia ininterrupta de ações que associam os indivíduos em uma trama complexa de relações que ligam-nas a diversos grupos os quais, por sua vez, podem ser interdependentes ou não. É esse conjunto de possibilidades significativamente diferentes de ligações - que conferem uma flexibilidade às relações sociais - que muitas vezes dão a ilusão de poderem ser compreendidas em sua dinâmica restrita das relações face a face, supondo a essas um grau de autonomia, o qual dificilmente elas podem alcançar. O comportamento dos alunos em uma turma, uma escola ou no sistema escolar certamente podem ser analisados em sua relativa autonomia em cada uma dessas instâncias; entretanto, nenhuma turma, escola ou sistema abriga qualquer aluno aleatoriamente: a probabilidade das turmas de determinadas escolas serem compostas por qualquer estudante de uma determinada faixa etária é decisivamente descartada¹. Crianças e jovens moradores de Jacarepaguá só excepcionalmente estudarão em Caxias, assim como filhos de grandes empresários dificilmente estarão matriculados em uma escola municipal mal equipada.

2. As bases epistemológicas das ortodoxias e sua superação.

Qual o melhor observatório do mundo social: a perspectiva próxima e de “dentro” ou a perspectiva panorâmica, do alto e de “fora da cena”? O mundo pensado como um teatro: o teatro reproduzindo as matrizes de convivência, ou criando permanentemente novas formas de interagir? O mundo social como improvisado permanente, surpreendente e incomensurável, ou obedecendo a um enredo definido pelas posições anteriormente ocupadas pelos atores, diretores, fotógrafos e cenaristas? O cenário enquadrando a cena, ou a cena exigindo multiplicidade de cenários?

Vivemos nestas últimas décadas uma desconfiança saudável das ciências sociais enquanto racionalizações sobre o mundo empírico (da experiência). Tais racionalizações produziram tanto grandes ilusões, como admiráveis tomadas de cena. A pergunta mais persistente e pertinente é sobre qual seria a instância privilegiada para a compreensão do que somos socialmente, dos sentidos/direções das nossas ações e dos significados que elas produzem? Eis o permanente dilema epistemológico que nos é apresentado pelas ciências sociais (Alexander, 1995: capítulo 3).

¹ O desenvolvimento de modelos multiníveis de análise estatística significou um avanço importante nas estatísticas educacionais.

O problema teórico da tensão subjetivismo/objetivismo, agentes/estruturas durante muito tempo esteve ancorado em perspectivas epistemológicas antagônicas. Hoje, as *novas sociologias* (Corcuff, 1995) ou o *novo movimento teórico* (Alexander, 1987) tendem a superar essas oposições clássicas e a defender que o coletivo é também individual e que:

- os níveis micro-sociais constroem de forma gradativa, plural e complexa padrões de ações e representações que se consubstanciam em estruturas de níveis macro-sociais, que, por sua vez, retornam sobre as micro configurações reordenando-as parcialmente, numa circularidade de características profundamente dialéticas.

Essas novas sociologias, portanto, propõem perspectivas teóricas que contemplam tanto os processos que vão das estruturas sociais às interações, como os que vão das interações às estruturas sociais.

Entretanto, as duas posições epistemológicas polares coexistem, ainda hoje, como um permanente desafio à imaginação sociológica:

- Uma que privilegia o olhar sobre a reprodução dos papéis e posições sociais herdadas do passado e presentes no mundo social sustentando a pretensão de construir teorias gerais sobre as regularidades das relações sociais. As práticas que pela recorrência das situações cotidianas transformam-se em disposições - a situar-se e agir de acordo com as posições sociais definidas (empregados/empregadores, intelectuais/massa, femininas/masculinas) pelas estruturas sociais - agregam subconjuntos relativamente estáveis que podem ser reconstruídos no plano macro-social.
- Outra que, algumas vezes até mesmo a afirmar ser o mundo social uma permanente ilusão, constituída pela recriação de papéis e situações a partir das interpretações forjadas na interações face a face e pela linguagem. Não haveria pois porque investir em teorias mais gerais sobre o mundo social. Tudo o que se pode aspirar é um conjunto de interpretações subjetivas e ilusórias do ponto de vista do mundo da experiência. Ou, menos radicalmente, supondo a incomensurabilidade do social, descarta as tentativas de teorização mais geral sobre a sociedade e procura nos fragmentos micro-sociais construir hipóteses sobre a dinâmica do(s) mundo(s) social(ais).

3. O novo movimento teórico segundo Jeffrey C. Alexander

Jeffrey C. Alexander, um dos mais importantes sociólogos americanos da atualidade, assinala a importância da argumentação nas elaboração teórica nas Ciências Sociais. Em virtude do seu caráter multiparadigmático, elas se encontram divididas em *escolas e tradições* expressando um desacordo teórico-empírico permanente.

Depois da 2^a guerra mundial, segundo ele instalou-se um movimento pendular entre as teorias da ação e as teorias estruturais face ao insucesso da Teoria Sistêmica de Parsons, que pretendia compatibilizar o idealismo e o materialismo, a ação voluntária e a determinação estrutural. Foi por essa época que desenvolveram-se reações ap estrutural funcionalismo, tanto de raízes fenomenológicas como estruturalistas explicitando os dilemas teóricos sobre a natureza da ação e da ordem.

Sob a inspiração fenomenológica multiplicaram-se as perspectivas micro-sociais:

- ◆ Para a teoria das trocas (Homans) o comportamento individual independente de normas sociais definitivas e, as condições sociais objetivas se articulam à vida cotidiana motivando procedimentos através dos quais os atores fazem os seus cálculos;
- ◆ No interacionismo simbólico (Blumer) os significados resultam de negociações individuais (reações do outro) e, o que define as atitudes é a relevância das situações; a dramaturgia de Goffman, dentro desta orientação, desenvolve uma metodologia de observações diretas e elaboração de conceitos teóricos que permitiram analisar os processos de comportamento institucional gerados a partir de interações face a face;
- ◆ A etnometodologia (Garfinkel) desenvolveu-se a partir de uma inovação metodológica (etno-metodologia) que se pretendia mais adequada ao conhecimento de como os atores constroem suas próprias normas.

Entre os defensores de uma perspectiva macro social estariam os Teóricos do Conflito - que negam a centralidade da internalização das normas (como elo entre a ação e a cultura) tal como proposta pelo estrutural-funcionalismo parsoniano - e as perspectivas Funcionalistas, Sistêmicas e Estruturalistas de diferentes extrações teórico-ideológicas.

Segundo Alexander (1987), um *novo movimento teórico* engloba a nova geração de sociólogos pós marxistas que, influenciada pela microteoria norteamericana, desenvolveu novos esforços de juntar ação e estrutura. A consciência da complexidade dos processos envolvidos nas relações e transformações sociais estimulou tentativas de ligar os planos micro e macro sociais, os processos individuais ao sistema social mais amplo. A percepção do papel central da cultura na constituição do mundo social motivou o renascimento dos estudos culturais iniciados nos anos 60 (Birmingham) e uma ênfase crescente no estudo das estruturas simbólicas e das representações sociais.

4. As tradições na Sociologia da Educação no Brasil.

Em que pese a já assinalada socialização do discurso pedagógico, ainda não contamos com um balanço histórico que nos permita reconstituir, de forma consistente, as tendências micro e macro-teóricas na sociologia da educação no Brasil. Entretanto, um sobrevôo sobre a produção relacionada explicitamente à sociologia da educação nos autoriza a algumas hipóteses que traçaremos a seguir.

A pesquisa em educação recebeu um enorme impulso após a institucionalização da pós-graduação. Como, de uma forma geral ocorreu com o desenvolvimento das Ciências Humanas, os parâmetros de cientificidade positivista marcaram, no seu início, a importância da quantificação e das teorizações gerais. Só com o processo de autonomização do campo é que gradativamente outras referências e estratégias foram sendo incorporadas no processo de produção de pesquisas em educação.

Uma antologia organizada por Maria Alice Foracchi e Luiz Pereira início dos anos 60, *Educação e Sociedade (leituras de sociologia da educação)* deixa clara a hegemonia das perspectivas macro-sociais naquela época. A maioria dos textos da coletânea referem-se aos processos sociais globais, focalizando as funções sociais da escola - homogeneizadora/diferenciadora, inovadora/conservadora - assim como os processos de

estratificação social, burocratização, planejamento. A relação entre a educação e a estrutura social é tratada nas sociedades tradicionalistas e de classes e nas articulações entre a educação e o desenvolvimento econômico. Mesmo quando tratam do estudo sociológico da escola (parte III) os organizadores assinalam que o tratamento deste tema

*... não significa contudo (que) deva ser encarado como uma unidade autônoma, ou que a análise seja, necessariamente, limitada aos aspectos internos da escola. Pelo contrário, é da maior importância compreender a dinâmica do grupo **escola** através das conexões que estabelece com outros sistemas sociais, de amplitude variável.* (Foracchi & Pereira, 1977 [1963]:101)

O estudo desenvolvido pelo Programa de Pesquisas em Sociologia da Educação da PUC-Rio sobre a sociologia da educação nos anos 50/60, entretanto, identificou uma influência da tradição micro-sociológica da Escola de Chicago em algumas das pesquisas desenvolvidas no CBPE e publicadas nos 6 anos de existência (1956/1962) da revista *Educação e Ciências Sociais*. Entretanto, o fechamento do Centro e o sucesso dos paradigmas “críticos”² parecem ter desmobilizado essa *tradição*, na pesquisa sociológica no campo da educação, que parece ter permanido *esquecida* durante cerca de duas décadas.³

A sociologia da educação nas décadas de 60 e 70 no Brasil caracteriza-se por uma produção voltada para o espelhamento da estratificação social na estrutura do sistema escolar. Desde o final da década de 50 Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, J. Roberto Moreira, entre outros, utilizavam-se amplamente de dados demográficos e indicadores sócio-econômicos para interpretar o caráter seletivo e antidemocrático da escola brasileira, sempre numa perspectiva macro-social. A politização das universidades, provocada pela luta contra o regime militar implantado pelo golpe de Estado de 1964, foi responsável pela retração da pesquisa na área da sociologia da educação, e pela proliferação de uma produção de caráter mais ensaístico e teórico que buscava contrapor-se à *ênfase na administração e no planejamento educacionais ao lado da supervalorização da tecnologia educacional* (Cunha:1992).

Entretanto, no âmbito da sociologia da educação, talvez a obra de maior impacto, na perspectiva macro-teórica foi *Educação e Desenvolvimento no Brasil* (Cunha: 1975). Cunha trabalha simultaneamente dados e indicadores econômicos e educacionais para contestar a tese de Langoni de que a concentração de renda no período militar teria se dado por deficiências de escolarização da população. Numa análise inspirada, entre outros, na perspectiva de Bourdieu e Passeron, ele traça um dos quadros mais completos, até então, sobre as características da escola brasileira e da política educacional implantada pelo regime militar a partir do final da década de 60.

O mais importante periódico de pesquisa em educação – *Cadernos de Pesquisa* – fundado em 1971 é um exemplo da importância das pesquisas que se utilizavam de dados

² Utilizo o termo impreciso de “críticas” para indicar o conjunto de teorias que criticavam os desdobramentos sobre a escola das estruturas capitalistas e, sobretudo para evitar a categorização equivocada de *teorias reprodutivistas* englobando autores como Althusser, Bourdieu e Passeron, Bowles e Gintis, Baudlot e Establet. Ver a respeito Cunha (19..)

³ Ver a respeito, Brandão & Mendonça orgs. (1997).

quantitativos e das abordagens de caráter macro-social. Ana Maria Poppovic, Fúlvia Rosemberg, Bernadetti Gatti, Guiomar Namó de Mello, Heraldo Vianna, entre outros, estavam entre os pesquisadores da equipe da Fundação Carlos Chagas que apresentavam os resultados das investigações sobre educação utilizando-se de dados sócio-demográficos, numa perspectiva sistêmica e macro social, para interpretar os fenômenos da alfabetização, educação fundamental, marginalidade cultural e, da desigualdade escolar, em vários níveis. Em 1982, o INEP nos encomendou o primeiro estado da arte sobre a evasão e repetência no Brasil (Brandão, Baeta, Coelho da Rocha: 1984) onde ainda utilizamos as famosas pirâmides educacionais na análise das estatísticas oficiais embora, já nessa ocasião, focalizássemos e valorizássemos os estudos de caráter qualitativo, que começavam a ampliar o escopo de análises em profundidade e mais recortadas sobre os problemas de desempenho escolar.

Com a chegada da década de 80, a crítica ao positivismo e à insuficiência do caráter genérico das enquetes estatísticas (*surveys*) - distante dos problemas das escolas e das salas de aula – para o estudo daqueles fenômenos, acabou por provocar uma virada hegemônica no campo da sociologia da educação. Os estudos de caso, a observação participante e as estratégias de pesquisa qualitativa foram gradativamente dominando a pesquisa em educação; esta mudança se deu com tal ênfase que, em determinados fóruns a presença de estatísticas educacionais passaram a ser associadas, com boa dose de preconceito, aos “aparelhos do Estado”.⁴ As “abordagens etnográficas”, histórias de vida, entrevistas em profundidade tornaram-se opções preferenciais das abordagens micro-sociais que, neste final da década de 90, vêm dominando a pesquisa na sociologia da educação indicando que, entre nós, o “novo movimento teórico” a que se referiu Alexander (1987) não encontrou muitos adeptos.

Entretanto, a rediscussão da avaliação educacional impulsionada quer pelas políticas neoliberais, quer pelas estratégias de aprofundamento das políticas de democratização – como a institucionalização dos ciclos escolares ou a promoção automática - trouxe um novo impulso às análises macro-sociais e às estratégias quantitativas para a caracterização, análise e interpretação dos sistemas escolares em suas relações internas (subsistemas estaduais, municipais, privados etc) e externas (perfis familiares, características sócio-culturais dos professores, categorias sócio-profissionais das populações...)⁵

Tudo indica que a ligação dos níveis macro e micro social se tornará um horizonte cada vez mais atraente para aqueles que tomam consciência da inextricável complexidade do mundo social e, nele, da educação. Que tipos de problemas nos colocam tais ligações?

⁴ Na última Reunião Anual da Anped (1999) presenciei um debate com Alceu Ferrari, em que o interlocutor questionava a análise do pesquisador gaúcho sobre alfabetização com o argumento se que ele estaria utilizando estatísticas do IBGE e portanto dados do governo que não mereceriam confiança.

⁵ Desde meados da década de 80, com o modelo Pro-Fluxo (Costa Ribeiro, Fletcher) as altas taxas de evasão passaram a ser problematizadas e substituídas pela idéia de uma “pedagogia da repetências” na expressão cunhada por Costa Ribeiro.

5. Da redução à ligação: superando os monismos metodológicos.

O problema da ligação (micro macro) está na capacidade de criação de conceitos teóricos que traduzam ou reinscrevam variáveis de nível individual em variáveis que caracterizem os sistemas sociais e vice versa. (Gernstein, D. R., 1987:87)

Gernstein propõe 4 princípios para trabalhar essas relações:

- ◆ Reconhecer que a ação social é inerentemente dual, ou seja, que pode ser representada por **escalas** assim como exprimir-se por **significados**, e essas dimensões não funcionam da mesma forma; uma análise da ação social pode encontrar o recurso adequado para a sua compreensão, tanto no plano da **estatística** como da **interpretação**; a distinção micro/macro atravessa a dualidade quantitativa/qualitativa perpendicularmente e não paralelamente.
- ◆ A distinção fundamental entre micro/macro deve ser **geral** e **analítica**; as designações são sempre de caráter relativas às relações entre os níveis e, em particular, relativa ao propósito analítico do momento.
- ◆ A natureza causal da ligação macro/micro não deve ser postulada a princípio, nem da mesma forma; deve sempre ser considerada **hipotética** e **incompleta**; as posições que defendem **causas inerentemente macro ou micro** são **reducionistas**; há ainda **alternativas relativistas** que postulam inteira autonomia entre os planos micro e macro; parece mais adequado, entretanto postular um **potencial interativo micro e macro**, com graus de ligação alterando-se de tempos em tempos sob diferentes condições;
- O **uso habitual** e bem sucedido de uma das perspectivas pode levar a posições de fidelidade teórica a determinadas **escolas de pensamento**; a competição entre essas escolas pode ser útil à produção do conhecimento, desde que propiciem um debate produtivo do ponto de vista do aperfeiçoamento, ou aprofundamento das condições de compreensão dos fenômenos estudados.

Os problemas da ligação macro/micro surgem sempre que o menor liga-se ao maior ou vice-versa; *maior-menor, parte-todo são instrumentos culturais de pensamento com os quais a sociologia partilha da experiência humana* (ibid.:109). As novas sociologias (Corcuff:1995) tendem à rejeição das perspectivas unilaterais pois, os processos e configurações (estruturas) sociais estão inseparavelmente ligados às dinâmicas micro e macro-sociais.

- ❖ O nível **micro** envolve **um pequeno número de atores** que têm a possibilidade de observar-se mutuamente; o conceito **interação face a face** caracteriza este nível; pessoas, ações, padrões de comportamento e aspectos específicos da situação são passíveis de serem observados em sua totalidade; os pesquisadores, no entanto, podem selecionar e reduzir sua atenção exclusivamente a determinados aspectos da cena social.
- ❖ O nível **macro** envolve sempre **muitos atores que não estão em interação direta**; o pesquisador consegue observar apenas indicadores e representações do conjunto das

ocorrências, que devem ser traduzidas em hipóteses (interpretações) sobre as ações subjacentes (Haferkamp, 1987:178).

As ações podem ser significativas ou expressarem comportamento não intencionais; as abordagens qualitativas nem sempre estão alertas para a possibilidade de que muitas das situações e significados não encontram nos atores diretamente envolvidos a melhor referência para a sua interpretação. A posição no espaço social, experiências passadas, contextos institucionais etc. podem ser indicadores mais adequados à compreensão de determinadas práticas e representações. As transcrições “fiéis” de depoimentos podem estar carregadas de infidelidade do ponto de vista do trabalho que cabe ao pesquisador na construção da interpretação. Elas podem significar o mesmo equívoco das “transcrições teóricas” no trabalho de campo, ou seja, da mesma forma que as referências teóricas precisam ser reelaboradas no processo de investigação (*construção do objeto*) os depoimentos obtidos através das entrevistas precisam ser ressitoadas no contexto geral da investigação. Os significados que os atores atribuem às suas ações não são auto-criados; além de operarem na complexa malha das representações de sua cultura, estão articuladas às conjunturas específicas, nem sempre imediatamente percebidas pelo pesquisador, às configurações espaço-temporais que os localizam nas estruturas sociais. Há portanto necessidade de incluir tanto os aspectos subjetivos quanto os processos externos, no campo da explicação e interpretação em pesquisas no campo das Ciências Sociais.

Os cenários propostos por Haferkamp podem ser úteis para ilustrar essas configurações:

- ◆ Micro área (menos de 30 atores) significados (ações significativas complexas/intencionais) estruturas de comportamento (não intencionais);
- ◆ Macro áreas (mais de 30 atores) associações de ações planejadas (intencionais) criação de estruturas sociais (não intencionais);

O poder, material e simbólico, pode promover padrões de submissão incompreensíveis tanto para os que o exercem como para os que a ele são submetidos. Haferkamp ao desenvolver uma crítica a atenção exclusiva à definição verbal da situação assinala a importância de reconhecer que a ação social é composta de elementos verbais e não verbais e, que nenhum deles redutível ao outro; como as situações sociais são complexamente estratificadas e finamente estruturadas, se focalizarmos apenas a definição verbal da situação, teremos uma abordagem simplificada da ação (op.cit.,1987:182).

É importante, por outro lado, destacar que pelo simples fato das estruturas não serem passíveis de ser observadas diretamente não significa que são inacessíveis ao conhecimento.

É uma ilusão imaginar que a multiplicação de análises micro sociais permitiriam a reconstrução das configurações sociais gerais (estruturais), ou que pode-se chegar a essas configurações pela reconstrução diversificada e ampliada das configurações particulares. O mundo da experiência tem uma capacidade inesgotável de recriar e construir novas formas de interações e padrões coletivos de valores que produzem em ações significativas complexas no plano individual (interações face a face) quanto no plano macro-social. A arte do pesquisador estaria exatamente na sua capacidade de escolher o instrumento de

análise mais adequado ao problema de pesquisa e as possibilidades empíricas do campo de investigação.

Bibliografia Indicada

GERSTEIN, D. R.(1987) To unpack micro and macro: link small with large and part and whole. In: ALEXANDER, J. C., GIESEN, B., MUNCH, R., SMELSER, N. J. (editors) *The Micro-Macro Link*. Berkeley/Los Angeles, California: University of California Press.

HAFERKAMP, H. (1987) Complexity and Behavior Structure, Planned Associations and Creation of Structure. In: ALEXANDER, J. C., GIESEN, B., MUNCH, R., SMELSER, N. J. (editors) *The Micro-Macro Link*. Berkeley/Los Angeles, California: University of California Press.

COLEMAN. J. S. (1987) Microfoundations and Macrosocial Behavior. In: ALEXANDER, J. C., GIESEN, B., MUNCH, R., SMELSER, N. J. (editors) *The Micro-Macro Link*. Berkeley/Los Angeles, California: University of California Press.